

LEANDRO MAZZINI
COLUNA
ESPLANADA



FARRA DOS ALUGUÉIS

■ O governo leva a sério a revisão de aluguéis milionários de prédios – nem sempre totalmente ocupados por órgãos da União. A equipe econômica do presidente Jair Bolsonaro (PSL) e o ministro-chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, consultaram, durante a transição, auditorias do Tribunal de Contas da União antes de decidirem passar um pente-fino nos contratos de locação.

Divergências...

■ Levantamento do TCU revelou que certos órgãos pagariam, em menos de três anos de aluguel, o valor relativo ao imóvel construído.

...e omissões

■ O TCU constatou que não há base de dados única em relação aos contratos de locação, e que foram detectadas omissões ou divergências entre valores no sistema do Tesouro.

Adeus, Consea

■ O presidente Jair Bolsonaro (PSL) extinguiu o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), órgão consultivo e composto por representantes da sociedade civil que era vinculado diretamente à Presidência da República. A extinção do Con-

selho se deu por meio da Medida Provisória (MP) 870.

O cerne

■ Conselheiros do órgão eram críticos à flexibilização das regras de utilização de agrotóxicos no País, no PL 6299/02, que foi aprovado na Câmara por uma comissão especial presidida pela atual ministra da Agricultura, Tereza Cristina (DEM-MS).

Atenção, garotada

■ A Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência, oficializada pelo presidente Bolsonaro para ações em fevereiro, é estratégica. Informes oficiais indicam que é no Carnaval que desaparecem os casos de gravidez – que ‘explodem’ nas maternidades em outubro e novembro.

CANTA, NOCA



■ Noca da Portela, 87, que foi internado na virada do ano no Hospital Vital, no Rio, já está em casa, mas foi proibido de fazer shows até o carnaval. “Vou me guardar para poder desfilhar no carro da Velha Guarda da Portela”, diz confiante.

Os de sempre

■ Uma turma da antiga, ligada ao governo Dilma Rousseff, rondou, na transição, o ministro da Infraestrutura, Tarcísio de Freitas. Houve até reuniões. Viviane Esse, Ana Patrícia, Fábio Rogério e Natália Marcassa são egressos da gestão Bernardo Figueiredo na Agência Nacional de Transportes Terrestres.

Memória do acostamento

■ Figueiredo é aquele do trem bala (de papel), barrado pelo Senado na tentativa de recondução ao cargo – quando o governo Dilma começou a desandar. O quarteto é especialista na ANTT. Ana Patrícia e Natalia Marcassa foram diretoras interinas da Agência; Fábio Rogério e Viviane Esse foram superintendentes na mesma época.

Frevo de 2020

■ O PT tem que correr ligeirinho da companhia do PSB e PCdoB, pois não terão chances alguma de colocar um candidato para concorrer às eleições da Prefeitura do Recife em 2020. Os nomes cotados são João Campos, filho do falecido Eduardo Campos, e Felipe Carreras. O PT poderá optar por Marília Arraes, prima de João.

No chão, no ar

■ Em recuperação judicial, a Avianca está penando para pagar comissários e pilotos, mas está pagando. Os salários de dezembro, comunicou em aviso, deposita dia 11.

Brasiiiiiiii

■ Brasília é uma capital sui generis, onde muitos policiais e médicos do serviço público se dão férias em janeiro por conta própria.

OPINIÃO

CRÔNICAS E ARTIGOS

Caboclo novo na área



Luiz Antonio Simas
Escritor e historiador

Quando eu era garoto conheci um sujeito, o Manoelzinho Motta, que armava as maiores barafundas para brincar o Carnaval.

Numa ocasião, Dona Alcione, a esposa, convenceu o Manoelzinho a passar o carnaval em Araruama, numa casinha de praia rateada pelas amigas do Lins de Vasconcelos para curtir um sol e fazer torneios de buraco, com comes e bebes, durante o período momesco.

Manoelzinho mostrou entusiasmo com a programação. Ninguém entendeu direito. O homem era sócio do Bola Preta, compadre do Tião Maria – o fundador do Bafo da Onça –, participante do Berro da Paulistinha e organizador, ao lado do zagueiro Moisés Xerife, do bloco das piranhas de Madureira. Como se não bastasse, fechava a quarta-feira de cinzas brigando com a polícia durante o desfile do Chave de Ouro.

Uma emocionada Dona Alcione ouviu o marido argumentar a favor da ideia de que numa relação de companheirismo era necessário abrir mão de algumas coisas em nome de outras mais importantes. Em tom de discurso, Manoelzinho encerrou o assunto em grande estilo: Alcione significa mais para mim do que o Carnaval. Vou pra Araruama.

Acontece que é difícil controlar algumas espiritualidades. Na hora da partida, com as malas preparadas, o Caladril, o Vic Vaporubi, a Minâncora e o sal de frutas Eno formando linha de frente da sacolinha de remédios, Manoelzinho deu murros no peito, um brado de levantar defunto e caiu de joelhos na posição de um índio preparado para flechar alguém. Recebeu um caboclo.

Assim que o caboclo chegou, todos estenderam as mãos espalmadas à frente e abaixaram a cabeça em forma de reverência. A entidade indígena continuou gritando por uns cinco minutos. A fila de gente para tomar passes se formou e os palpites sobre que caboclo era aquele começaram: Tupiara, Tupaíba, Aimoré, Caboclo



Roxo, Sete Flechas, Cachoeirinha, Tupinambá, Caboclo Lírio, Junco Verde, Rompe Mato, Sultão das Matas, Mata Virgem, Cobra Coral.

Um camarada, cumprindo as funções de cambono, aproximou-se do índio e fez a pergunta: “O senhor quer dizer a sua graça aos filhos de Zâmbi? Quer riscar ponto com a pomba de fé?”

O caboclo murmurou algo no ouvido do cambono, que anunciou ao povo: “Ele disse que se chama Seu Cacique de Ramos”.

Na mesma hora o índio deu um berro, começou rodopiar feito doido, dando flechadas imaginárias em todo mundo e riscando o chão. Alguém sugeriu cantar um ponto para a entidade. Mas qual? Uma voz desconhecida mandou de prima um ponto do Luiz Carlos da Vila: “Sim, é o Seu Cacique de Ramos/ Planta onde em todos os ramos/ Cantam os passarinhos da manhã”. O caboclo gostou.

Dona Alcione, nessa altura do campeonato, só queria que o índio fosse oló para retomar os planos do Carnaval em Araruama.

A entidade, então, pediu silêncio e anunciou: “Caboclo só vai deixar cavalo na quarta-feira de cinzas. Num sobe antes, que caboclo vai salvar seu filho de Aruanda e trazer axé de pomba no carnaval. Mulé de cavalo vai viajar, que caboclo não quer ninguém triste. Caboclo fica nas encruzas. E caboclo quer cocar e tanga!”

Seu Cacique de Ramos percorreu no carnaval mil e duzentas esquinas cariocas com a pomba de fé - de cocar e tanga em vermelho, preto e branco. Bebeu marafo e cerveja, comeu feijoadá para louvar Seu Ogum Beira Mar, fumou charuto e bateu o recorde de passes em toda a história da Aruanda. Foi oló na quarta-feira de cinzas, depois de cumprir com êxito a sua missão de paz na terra aos foliões de boa vontade.

Atenção primária: quem conhece gosta



Solange Beatriz Palheiro Mendes
Presidente da Fenasaúde

“Fui a tantos médicos nos últimos meses. Preciso de um que junte tudo”. A queixa ouvida de um paciente em uma sala de emergência e registrada, em 2002, pela médica Barbara Starfield, uma das principais estudiosas do modelo de Atenção Primária à Saúde (APS), representa o sentimento atual de grande parte dos beneficiários da saúde suplementar no Brasil.

Todos os anos, milhões de brasileiros seguem um roteiro que aumenta o desperdício de recursos. E, o pior: sem que o investimento gere ganhos expressivos de saúde. Por que nosso modelo assistencial funciona assim? É preciso reconhecer que, nas últimas décadas, o mercado privado reforçou a cultura do livre acesso a especialistas e tecnologias. Não é razoável, portanto, esperar

que mude da noite para o dia. A valorização da APS na saúde suplementar é uma construção coletiva que precisa começar a acontecer e a ser compreendida. É um processo de mudança cultural de todos os envolvidos (beneficiários, operadoras, prestadores e empregadores). O sucesso das iniciativas das operadoras depende do engajamento dos beneficiários e de toda a cadeia produtiva da saúde.

A estratégia elaborada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1978 é um modelo vencedor em vários países, inclusive no Brasil por meio do SUS. Com ele, 80% dos problemas de saúde são resolvidos sem que o paciente precise ser encaminhado a serviços especializados. A procura por unidades de urgência e emergência cai 29%. Há redução de 17% das demandas por internação. A porta de entrada no sistema de saúde se dá por meio de uma equipe multidisciplinar, com um médico de família à frente, que assume a coordenação do cuidado.

A experiência tem demonstrado que quem conhece gosta. A qualidade de vida melhora a partir das mudanças de comportamento induzidas pela APS. Com uma força de trabalho mais saudável, as empresas observam ganhos de produtividade. É bom para todos.

No Brasil, no entanto, as pessoas ainda estão acostumadas a priorizar o modelo fragmentado. Essa é uma cultura que precisa mudar, como salientou o médico Lewis Sandy, vice-presidente da UnitedHealth Group. Nações desenvolvidas como Inglaterra, Dinamarca e Noruega têm em comum o fortalecimento da APS.

Curioso para saber o que vem primeiro (o desenvolvimento econômico e social ou a valorização da APS), o professor Gustavo Gusso, da Universidade de Saúde (USP), disse ter feito essa pergunta, certa vez, a Barbara Starfield. A resposta dá a dimensão do desafio que o Brasil e a saúde suplementar têm pela frente: “As duas coisas devem andar juntas”.

O DIA DISQUE REDAÇÃO: 2222-8069 E 98921-1888 ASSINATURA: 2222-8600 CENTRAL DE ATENDIMENTO AO LEITOR: 2222-8640

PRESIDENTE:
Daniel Penalva

Editor-chefe
Francisco Alves Filho (chico.alves@odia.com.br)

DEPARTAMENTOS:
Agência O DIA: www.agenciaodia.com.br. E-mail: agencia@odia.com.br. Venda de fotos e textos: 2222-8021, 2222-8560 e 2222-8265
Fax Diretoria: 2507-1038
Parque Gráfico: 3891-6000. Av. Dom Hélder Câmara, 164 Beneficência **Gerência Industrial:** 3891-6002 **Gerência de Circulação e Logística:** 3891-6005
Preço de venda em banca: RJ, MG, SP e ES: R\$ 1,50 (dias úteis) e R\$ 3 (domingos). Distrito Federal: R\$ 3,60 (dias úteis) R\$ 4,40 (domingos). Demais estados: R\$ 4,20 (dias úteis) R\$ 5,10 (domingos)

Exemplares atrasados: Capital: Preço de capa - Demais localidades: preço de capa + postagem. Mais informações: Tels: (21) 2222-8086/2222-8136 - Central de Promoções - Av. Dom Hélder Câmara 164 Beneficência, (Parque Gráfico O DIA) - das 9h às 17h.
SUCURSAIS: Brasília: Centro Empresarial Parque Brasília, Salas comerciais nº 110 e 111, localizado no SIG Quadra 01 - Lote 985 - Zona Industrial - DF - CEP: 70.610-410 - Tel: (61) 3223-4274.
São Paulo: Avenida Irajá 300 - Sala 306 - Indianópolis. CEP: 04082-000. Tels: 11 94704-2393 / 11 99623-7645 / 11 99973-8313
Promoções: promocoess@odia.com.br

Classificados: 2532-5000 - De 2ª a 5ª das 9 às 18h e 6ª das 9h às 19h. Todos os cadernos de classificados somente circulam na cidade do Rio e no Grande Rio.
Anúncios de Noticiário: 2222-8338 / 2222-8631 / 2222-8388. Anúncios para o Interior: 2222-8279 - Negociações com agência: 2222-8388 Outros estados: 2222-8279 - De 2ª a 6ª, das 10h às 18h. Atendimento ao jornalista: 2222-8467 - De 2ª a 6ª, das 8h às 12h30 e das 13h30 às 17h.
Editora O DIA LTDA. Rua dos Inválidos 198, 2º andar, Lapa - CEP: 20.231-048 - Rio de Janeiro - RJ.
ODIA é filiado ao Instituto Verificador de Circulação (IVC).